

Lúcia Coelho: desobedeçam a todos, menos a si mesmos!

Karen Acioly

Centro de Referência Cultura Infância – Rio de Janeiro



*Lúcia Coelho. Foto do acervo da família.*



*Cara ou Coroa* (1981). Na foto Lúcia Coelho. Grupo Navegando. Direção de Lúcia Coelho. Foto de Guga Melgar.

**Resumo:** Estudo sobre a trajetória da diretora teatral Lúcia Coelho (1935–2014) no qual se destacam aspectos de seu trabalho como: livre criação, trabalho coletivo, temas e ideias que embasaram a infância como protagonista de sua obra com mais de 40 encenações teatrais profissionais. O texto evidencia seu percurso na direção do Grupo Navegando, fundado em 1978 na cidade do Rio de Janeiro.

**Palavras-chave:** Lúcia Coelho. Grupo Navegando. Teatro para infância e jovens.

**Abstract:** This study, regarding the trajectory of the theater director Lúcia Coelho (1935 – 2014), focuses on the aspects of her work in free creation, collective work, and themes and ideas, which served as the basis for turning childhood and youth into the main characters of her work. The text describes and analyzes her journey from the beginning of her work as a teacher at Colégio Bennet (1960 decade), up to her professional theatrical creations as a Director of the Grupo Navegando, founded in 1978, in Rio de Janeiro.

**Keywords:** Lúcia Coelho. Grupo Navegando. Theater for childhood and youth.

Com meio século de trabalho, Lúcia Coelho descobriu o teatro ao acaso: sendo ela ex-aluna expulsa de diversos internatos de freiras, acabou por encontrar sua “primeira navegação” ao ingressar como aluna “devidamente aceita” no Colégio Bennett<sup>1</sup>. Lá, numa escola onde podia fazer de tudo um pouco, passou de aluna a pro-

---

<sup>1</sup> Colégio Metodista Bennett, fundado em 1888, situado no Bairro Flamengo, Rio de Janeiro. Ali, Lúcia, junto com amigos e estudantes, iniciou sua trajetória de diretora com espetáculos voltados para a infância e juventude.

fessora de artes nos idos dos anos 1960. Tudo o que fazia nas artes visuais desembocava em teatro. Talvez porque tivesse em sua tenra idade feito teatro com os seus vizinhos da Praia da Urca ou tendo encontrado pelo seu caminho o diretor Kleber Santos, que viria a criar o Teatro Jovem do Rio de Janeiro. Sobre a sua passagem pelo Grupo e seu encontro com o diretor, Lúcia comenta:

Era um teatro muito subversivo, foi um teatro que começou a trabalhar com a dramaturgia brasileira que se colocava contra toda importação que a gente vivia na época. E o Kleber foi uma pessoa... O precursor disso. Ele foi o primeiro *beatnik* do Brasil e fez coisas do arco da velha, porque ele era muito inteligente, mas era comunista, porque naquela época todos nós éramos comunistas, mesmo que não fosse ou não soubesse o que era (COELHO, *apud* ACIOLY, 2009).

Foi, no entanto, através de Pedro Domínguez (1936–2004) e de Magda Modesto (1926–2011) que conheceu o encantamento do teatro de bonecos. Certa feita, Lúcia foi visitar a Escolinha de Arte do Brasil, fundada por Augusto Rodrigues (1913–1993). Lá, a então jovem Lúcia Coelho viu um coelho (boneco de luva) manipulado pelo Mestre Pedro Domínguez, acompanhado de Ilo Krugli. O tal coelho de Pedro dava mil cambalhotas e, quando ficava cansado, o manipulador desvestia o boneco, acariciava-lhe a barriga e dava-lhe condições de voltar à cena em plena forma. Lúcia lembra a importância do encontro com Pedro e Ilo:

Nessa época, soube que tinham chegado aqui no Brasil dois argentinos para dar um curso na Escolinha de Arte do Brasil. Eram Ilo Krugli e Pedro Domínguez. Dois artistas que faziam teatro de bonecos. Imediatamente me inscrevi. Falei: é agora. Acabei fazendo parte do grupo deles. O que aconteceu comigo? Uma verdadeira revolução. Eles foram fazer o espetáculo deles, e eu comecei a assistir. Era uma história muito simples, uma história para crianças. O Ilo sempre foi um artista genial, todo mundo sabe quem é o Ilo. Foi ele quem modificou toda a história de animação no Brasil. Trouxe uma contribuição fantás-

tica. Mas o Pedro era um gênio-genioso e não era uma pessoa muito social. Não sabia se comunicar muito bem, mas era um gênio! Ele se comunicava mais com gestos e, melhor ainda, por meio do teatro de bonecos. Ele falava pelos bonecos. Estava assistindo a história e vi o Pedro com um coelho na mão. Era tão incrível aquele coelho e a maneira como ele o manipulava, que achei que era um coelho de verdade, como todas as crianças acharam. Um coelho que andava, sentava, falava. Um coelho vivo! E comecei a ficar muito emocionada de ver um coelho vivo fazendo uma peça de teatro. O Pedro fazia coisas incríveis com o coelho: corria, dava cambalhotas... E numa hora correu tanto, que ficou exausto. Eu mesma comecei a sentir a exaustão do coelho, que, ofegante, batia forte o coraçãozinho. O que fez o manipulador desse boneco? Ele estava com o coelho nessa mão aqui (mostra a mão direita). Ele desvestiu o coelho, pegou a outra mão e fez uma rede com as duas mãos para o coelhinho dormir. Então, cantou uma canção de ninar para o coelhinho. Eu chorava copiosamente. Nada me emocionou mais na vida. E quando acabou o espetáculo, falei pra ele assim: “Descobri para que eu sirvo!” (COELHO, *apud* ACIOLY, 2009).

Tal encantamento envolveu Lúcia Coelho por toda a vida e, a partir daí, fundou na mesma década, o TAB – Teatro Amador do Bennett. O teatro nessa época era muito “certinho”, certinho o suficiente para que ela quisesse mudá-lo por inteiro. Para tal, nada melhor do que transformar o TAB num laboratório pulsante de criações livres. Lá nesse centro de experimentações, Lúcia e seus alunos poderiam investigar o que quisessem; no térreo, ficavam o imenso palco e o grande acervo de figurinos, iluminação e cenografias. No segundo andar, todos os laboratórios de criações de figurinos, cenografias, a sala de costura e um universo de ideias presas e soltas em todos os lugares possíveis. Texto se escrevia em cima do palco, e direção se “fazia fazendo”.

Não havia restrições nem regras a seguir. Nesse mesmo palco, o texto era testado e reescrito um milhão de vezes por Lúcia Coelho e por seus alunos. Lá se via Magda Modesto, uma de suas principais

parceiras de vida e de palco, juntas transgredindo normas do que se convencionava como teatro e inventando novas formas, concepções dramáticas e uma infinidade de descobertas, estimulando seus alunos que criavam sem nenhum sentido de propriedade intelectual, mas com total noção de que o teatro se faz em conjunto, em harmonia.

Em pleno período da ditadura, o TAB era um oásis de dinâmicas criações, onde os alunos eram produtores de conhecimento e respeitados como tal. Coisa essa quase impossível naqueles dias e naquele contexto. Foram 48 realizações do TAB, muitas inesquecíveis tais quais: *Moscas bicheiras*, na qual os fantasmas de Janis Joplin, Freud e Einstein se encontravam; *A roupa nova do Rei e Cinderela*. Estas duas últimas encenadas em versões em que os papéis, funções e comportamento das principais personagens transgrediam a sua maneira de ser, tradicionalmente conhecida do grande público.

Os anos foram passando e, naturalmente Lúcia criou um grupo profissional, oriundo de seus alunos do TAB, o Navegando. A estreia oficial de *Tá na hora, tá na hora*, primeiro espetáculo do grupo, sob a sua direção, ocorreu no dia 20 de março de 1978 no Teatro Santa Cecília, em Petrópolis, RJ, durante o VII Festival Brasileiro de Teatro de Bonecos realizado pela ABTB – Associação Brasileira de Teatro de Bonecos. Magda Modesto foi a incentivadora da participação do Navegando no evento.<sup>2</sup>

Já em seu primeiro espetáculo, *Tá na hora, tá na hora* (1978), a manipulação dos bonecos e objetos era aparente. Uma faixa estreita de tecido atravessava o palco, dividia a cena mostrando os atores e os bonecos em cima e as pernas dos atores embaixo. Lúcia simulava uma tapadeira e assim brincava de mostrar o que tradicionalmente se costumava esconder.

Ora, se pensarmos nisso hoje em dia, já é uma ideia conhecida, mas no ano de 1978 era como romper com as regras do teatro e da manipulação. Era quebrar paradigmas e fazer novas perguntas

---

<sup>2</sup> O Festival aconteceu no período de 12 a 21 de março de 1978. Dados extraídos da Revista Mamulengo nº 7 – 1978. p.10 - 11.

sobre movimentação, presença do ator na cena, dramaturgia, temáticas a serem abordadas para as crianças e a forma de fazer teatro com atores e bonecos. Nessa perspectiva, Lúcia se aproximava de criadores importantes como Ilo Krugli e Pedro Domínguez, que nos primeiros anos da década de 1970 propunham um novo teatro para crianças e jovens, no qual o jogo, o faz-de-conta e a ruptura de antigas formas de representar e de encenar foram demolidos. Com as músicas de Caíque Botkay em composições originalíssimas, Cica Modesto em toda a concepção visual de cenários e figurinos e um elenco primoroso formado por Daniel Dantas, Fábio Pillar, sua filha Fernanda Coelho, Celina Lyra, Vera Lúcia Ribeiro e texto de Marília Gama Monteiro, o Grupo Navegando abriu novas portas e janelas para o teatro feito – até então – para as crianças.

Ao mesmo tempo em que saiu do Colégio Bennett, criou sua própria escola, a NAU – Núcleo de Arte da Urca em 1976. Uma escola para crianças com o objetivo de “[...] desenvolver práticas educativas e culturais para a educação global e formação de indivíduos pensantes, criativos, ativos e transformadores”<sup>3</sup>.

Ali ensinava aos pais o prazer de brincar com seus filhos, tendo como concepção que “brincar é o lugar do aprendizado maior”. Não havia criança que não fosse à escola e pintasse e bordasse, que não aprendesse a ler e a escrever sem jamais ter pegado num lápis ou num caderno.

“Fui a pior aluna e a melhor professora”, dizia Lúcia, sem noção do quanto deve ter educado seus educadores mais “conservadores”.

Da sua vasta obra, quatro delas contribuíram para ajudar a mudar os rumos do teatro brasileiro feito para crianças: *Cara ou coroa* (1982), *Passa-passa tempo* (1981), *Bicho esquisito* (2002) e *A mulher que matou os peixes* (1994). Em todas essas montagens, ela explorava a animação dos bonecos à vista do público e o trabalho

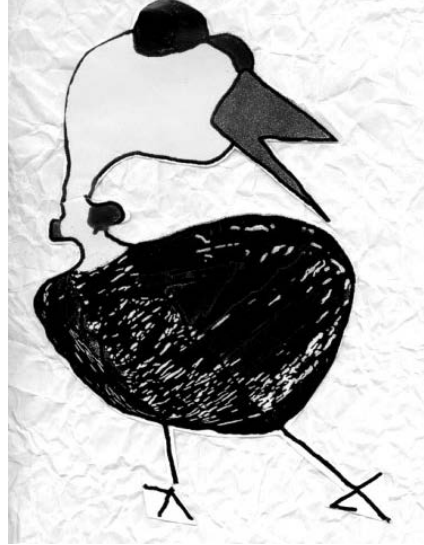
---

<sup>3</sup> O Núcleo de Arte da Urca – identificado pela sigla NAU foi fundado em 11 de novembro de 1976, inicialmente como Núcleo de Arte e Centro Cultural e Artístico. Em março de 1977, surgiu, nesse Núcleo, a Escola NAU. Dados coletados em <http://www.escolanau.com.br> acessado em 14 de dezembro de 2014.

do ator que contracenava com o boneco, primando por originalidade e harmonia. Os temas eram abordados numa visão contemporânea e próximos às crianças. Lúcia utilizava recursos dramáticos que rompiam com a linearidade narrativa; recorria a temáticas pouco usuais no teatro feito para crianças, como por exemplo, a separação de pais; experimentava o cruzamento de linguagens e recursos às vezes simples, artesanais e às vezes complexos, tecnológicos; cultivava o poder visual e de imagens na construção de cenografias, adereços e no uso de objetos deslocando-os de seus contextos originais; a expressividade dos materiais para a confecção de bonecos e objetos era foco constante de suas preocupações.

Sobre seu trabalho no Navegando, afirma:

Fomos muito criticados com o nosso grupo Navegando porque julgavam que nós tínhamos uma linguagem “acima do que as crianças podiam captar”. Por que não é própria para tal idade ou para outra tal idade? Penso que a criança capta o que ela quiser captar, e está bom. Entendeu? Se despertar nela o interesse, já valeu. A coisa que mais me dá agonia é ver uma mãe chegar ao ponto de explicar para a criança o significado do que a criança está vendo. Cada criança entende da maneira dela. O importante é ela gostar, se ela não gostar vai expressar claramente que não gostou. Por isso, nunca tive essa preocupação sobre que idade vou atingir... Mas, às vezes, você vai a uma peça voltada para os pequenos e você ama mais do que uma peça para adultos. Então, você tem esse limite, às vezes. Mas não tenho essa preocupação. Respeito, inclusive, todo o entendimento da criança (COELHO *apud* MOREIRA, 2008).



*Bicho esquisito* (2002). Desenho de Christian Coelho. Grupo Navegando. Direção de Lúcia Coelho. Foto de Guga Melgar. Acervo da Família Coelho.



O desafio de fazer um teatro sem fronteiras etárias sempre esteve presente em suas preocupações. Seu teatro era dirigido à criança, mas, ao mesmo tempo, acolhia e encantava adultos. O universo da criança sempre foi objeto de suas preocupações, e ela guardava na memória passagens que confirmam a importância de respeitar os diferentes modos de ver e sentir expressos pelas crianças. O relato que segue reafirma a sua convicção:

Quando fiz *Passa-passa tempo*, o tempo passava, pois contávamos a história de um menino de ontem e uma menina de hoje. A menina de ontem tinha galinha, galinheiro, tinha não sei o quê; o menino de hoje presenciava a civilização, comer tudo e os edifícios que tomavam o lugar original das coisas. Cada vez que o tempo passava, aparecia uma atriz que tinha um pano azul enorme e uma ampulheta na cabeça. E dentro desta ampulheta, a areia correndo junto com os minutos... Ela ia pra lá, vinha pra cá, e quando acabou o espetáculo, uma criança falou: “Sabe de que gostei mais? Daquela moça que corria com um banquinho na cabeça”. A mãe falou: “Não! Explique para ela (falando comigo) o que é aquilo. Aquilo é uma ampulheta”. Respondi: “Não! Você viu um banquinho? Não era interessante aquele banquinho?”. “É o que ela viu. Ela viu um banquinho. É um banquinho!”. A mãe ficou tão zangada porque eu tinha que explicar o que era uma ampulheta. A criança adorou o que ela menos entendeu. Por que eu iria explicar? (COELHO *apud* MOREIRA, 2008, p. 329).

Como afirma Maria Lúcia Pupo (2003, p. 37), é lamentável que muitos adultos ainda insistam que as crianças “compreendam tudo”. Deste modo, reafirmam que a compreensão só ocorre pela razão e esquecem que, “[...] mesmo que muitas metáforas não cheguem a ser decodificadas em toda sua carga poética, a criança terá sido surpreendida e interpelada através do mergulho em uma ficção elaborada com cuidado artístico, ampliando assim, de modo sensível, suas referências sobre si mesma e sobre os outros (*Ibidem*, p. 38).” Ao corrigir a criança em sua admiração pela *moça que corria com o banquinho na cabeça*, a mãe involuntariamente colabora para fortalecer a ideia de que o conhecimento e a compreensão só

acontecem pela razão, pela descrição objetiva.

Para conhecer melhor a obra de Lúcia Coelho, é importante ler o que ela diz a respeito de si mesma sobre questões que a instigavam. Segue abaixo um trecho de sua “autoentrevista” para o I Catálogo Livre do Teatro Infantil (2009). Neste Catálogo, diversos mestres do teatro foram convidados a responder perguntas que sempre se fizeram.

– **Por que a minha preferência profissional sempre recai no meu interesse pelas crianças?** Não quero responder de forma racional. Olhando para dentro de mim, sinto que as crianças me entendem melhor, assim como eu as entendo. Gostaria de vê-las crescer conservando o estado de pureza, de espontaneidade e de liberdade de ser que elas têm na infância. Nos meus espetáculos, procuro sempre colocar no elenco crianças que querem brincar de fazer teatro, e elas, literalmente, brincam e envolvem os mais velhos, que liberam todas as tensões e se permitem brincar também como gente grande. Afinal, o brincar não é o ato mais responsável que devemos ter conosco?

– **Você pode falar dos seus grandes mestres, que até hoje influenciam nas suas ações criativas?** Minhas crianças são até hoje meus grandes mestres. Crianças que cresceram num palco (da escola que trabalhei) descobrindo seus dons e talentos, e eu descobrindo os meus. Livres e soltos, fizemos verdadeiras revoluções de ideias e aprendemos o que não pode ser teorizado: sentir prazer em descobrir algo novo sempre. Mestres adultos a quem reverencio eternamente: Pedro Domínguez, Ilo Krugli, Augusto Rodrigues, Cecília Conde, Domenico De Masi, Karindé (mestre em fazer puçá), Carlitos, Philippe Genty, Magda Modesto, entre outros.

– **Como se dá seu processo criativo?** Quando dirijo um espetáculo, escolho a equipe com todo cuidado e amor para poder formar um grupo afinado no trabalho. A primeira parte é intelectual: compreensão do texto, pesquisas para enriquecimento do assunto, estudos em conjunto com atores e equipe de criação visual, musical, luz, direção e assistentes. Sempre começo brincando muito,

com a responsabilidade de liberar expectativas, medos, pressa, a confiança que todos devem ter com cada um.

Partindo das primeiras improvisações, o texto vem chegando com verdade natural. Conseguindo a liberdade e espontaneidade da criação sem censuras, basta o diretor ser o maestro dos talentos descobertos e reger com a intuição no comando. Tudo isso, acho lindo, teórico e possível. Claro que nada é tão fácil, mas tudo é conquistado. Tem um momento em que os atores se entregam ao processo, e o processo conduz o resto da caminhada completamente independente.

É a hora em que o ator segue seu caminho. O diretor assiste de camarote o crescimento de cada um, muito confiante e na maioria das vezes orgulhoso. Sei que meu processo de criação é anárquico. De um caos importante e inicial, nasce um processo criativo totalmente entregue às descobertas que sempre me surpreendem. As experiências vividas no passado me impulsionam para viver o presente, que é novo, único e daquele grupo criativo constituído. Nada se sabe, tudo se inventa, e o resultado é uma pergunta: “Ah, meu Deus, o que fiz?”. E o público vai responder.

O que mais me comove nas minhas peças é a tecelagem de ideias, feita com um tipo de amor que define o desenho final.

Sobre a tecelagem de ideias, Clóvis Levi, crítico teatral relembra: “Uma vez, disse a Lúcia Coelho que seu último espetáculo tinha um texto descosturado, e ela me respondeu: ‘Da próxima vez, levarei a máquina de costura’”.

Quando se referia à educação, dizia que “a verdadeira educação é ensinar e aprender”. Sobre amor e sentimento: “Amor é a única coisa que mobiliza a sociedade. Todo mundo tem coração”. “Pior que não se olhar, não se ver, é não se sentir”. Ao falar sobre crianças, afirmava: “Tem criança que é rebelde com causa, que escolhe seus valores, não usa os valores que mandam. Eu, por exemplo, não aceitei minha programação de nascimento”. “Existe um universo da criança que cresce ou não dentro do adulto”. “A criança é permanente dentro do seu crescimento. Criança tem esperança, tem amor”. “A criança é a coisa mais preciosa do mundo, rica em conhecimento, caráter. E a educação

que algumas recebem nem sempre permite ligação com a arte”. Por isso, repetia com entusiasmo, irreverência e responsabilidade o que sempre procurou fazer: “Desobedeçam a todos, menos a si mesmos”.

Em sua história profissional de diretora, encenou mais de 30 espetáculos destinados às crianças e aos jovens, dez espetáculos para o público adulto e duas óperas. Isso lhe rendeu 18 prêmios como Troféu Mambembe, Troféu Inacen e Prêmio Molière. Destacar a sua produção sob o aspecto quantitativo só confirma a importante atividade teatral que desenvolvia e o reconhecimento de suas criações no meio teatral.

Lúcia Coelho, a mestra e mãe de todos nós, cuja obra transbordava encantamento e generoso imaginário, faleceu em 24 de outubro de 2014, deixando órfãos todos aqueles filhos de palco e suas duas filhas originais. Uma das maiores referências do teatro de bonecos, animação e pioneira no que se propôs a fazer, foi uma das principais autoras, educadoras e diretora teatral que deu um lugar à infância como “lugar de produção do conhecimento”.

## REFERÊNCIAS

- ACIOLY, Karen (org.) *I Catálogo Livre do Teatro Infantil*. Fotografia de Ilana Bessler, produção material do catálogo de Ciro Nogueira, colaboradores: Lena Brasil [et al.]. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.
- MOREIRA, Inês Cardoso Martina. O processo de criação de Lúcia Coelho. In: ANDRADE, Ana Lúcia Vieira de; EDELWEISS, Ana Maria B. de Carvalho. *A mulher e o teatro brasileiro*. São Paulo: Hucitec, 2008.
- PUPO, Maria Lúcia. Fronteiras etárias: o teatro – da demarcação à abertura. In: KUHNER, Maria Helena. *Teatro dito infantil*. Blumenau: Cultura em Movimento, 2013.
- KOBACHUK, Manoel (dir.) In: *Revista Mamulengo* nº 7. Rio de Janeiro: ABTB-Funarte, 1978.
- Entrevista de *Lúcia Coelho ao Portal Conexão Infância*. Rio de Janeiro: junho/julho/2012. Disponível em: <http://www.cianavegando.com.br>.